

Correio

DO

Vouga

DIRECTOR M. Caetano Fidalgo  
REDACTOR Mário da Rocha  
EDITOR A. Augusto de Oliveira  
ADMINISTRADOR Alvaro Magalhães  
REDAÇÃO Gráfica do Vouga — Te-  
ADMINISTRAÇÃO lefone 22746—R. do Ba-  
E OFICINAS talhão de Caçadores Dez

## NOVIDADES DE FRANÇA

O problema é escal-  
dante. Há muito que an-  
dávamos para o abordar  
nestas colunas, num estu-  
do actualizado, em que  
não fossem preteridos di-

reitos humanos e até valores cristãos, tantas vezes soterrados por posições historicamente anquilosadas e nem sempre logicamente defensáveis.

Vindas de França e divulgadas em Portugal, nas páginas do nosso prezado colega «Correio de Coimbra», não resistimos a transcrever estas palavras claras e oportunas, assinadas por Ducailion, um nome no panorama intelectual francês.

**E**RA urgente então mostrar que a noção de pátria não era necessariamente uma noção cristã, que, mesmo sob o colorido cristão, podia ser uma reviviscência do paganismo, que a divinizava, e, que se existe um patriotismo verdadeiro, há também um falso; que se a pátria

tem direitos, são limitados por direitos mais elevados, a começar pelos do próprio Deus, com os quais os da pátria não podem ser confundidos.

ERA preciso levar a compreender também — o que parecia por vezes ignorar-se — que, muito mais que a noção de pátria, o cristianismo insistia sobre

uma noção mais universal, a do homem considerado em si mesmo, e que chamava toda a humanidade para formar uma sociedade única, a Igreja, no seio da qual se apagam todas as diferenças nacionais, porque para ela, consoante a palavra de S. Paulo, já não há nem Grego nem Judeu, como não há homem livre ou escravo.

Era preciso lembrar que, por repercussão, não só o cristianismo quebrava as barreiras intangíveis que separavam a Humanidade em grupos fechados e herméticos, favorecendo assim entre os homens todos uma contínua comunicação fraterna, mas que o arrastava mesmo, como que por uma incitação instintiva do seu espírito, para uma organização

CONTINUA NA PÁGINA QUATRO

artigo de

MÁRIO DA ROCHA

que abraçou o

## FILÓSOFO LIBERTINO

**A**GORA, não nos interessa tanto a sua biografia, que essa ficou na História. Não é o homem, órfão de mãe aos três anos, doente que, após os dezoito até aos trinta e nove anos, nunca mais passou um dia sem dores, conforme o interessante estudo do Dr. René Onfray; não é o homem, moço ambicioso e galante embrenhado na vida fútil com o Duque de Roannez ou o Cavalheiro de Meré, de cabeleira onelada e nariz agudo a avultar-lhe, nas faces sumidas, um olhar penetrante, um queixo firme, uns lábios sérios de jovem glorioso, que dedica livros à «intelectual» Cristina da Suécia e é ouvido de Paris a Ruão.

★  
Não é o jovem sábio que aos doze anos demonstra, só por si, as trinta e duas primeiras proposições do velho Euclides; que aos dezasseis, compõe um Tratado de *Secções Cônicas*; que aos dezanove, inventa a máquina aritmética que vem executar os mais complicados cálculos, e muitos outros inventos na matemática, na física e na engenharia.

★  
Não nos interessa a sua biografia de homem ou de sábio, que essa ficou na História. Mas importa-nos a personalidade desse homem que decorridos, há oito dias, trezentos anos sobre a sua morte, continua tão vivo, tão actual, tão nosso, que muitos dos mais modernos espíritos hoje, pouco ou nada mais fazem do que repeti-lo.

## EU: e os outros

**D**OMINGO! Sentado — não no cais de Aveiro como o nosso amigo Zé do Muro — mas na Praça do Império, frente aos Jerónimos, contemplando o ambiente que me rodeia: um vaivém constante de comboios, autocarros, eléctricos, automóveis... É a cidade que se escoa para a praia, buscando descompressão para nervos retesados! Perto de mim, cisnes, gansos e patos ensaiam remadas vigorosas e as pombas espreguiçam-se indolentes.

Perna cruzada, puxo de um livro para ler...

Arrastando os pés, — en-  
vultos em cabedal que talvez  
tenha tido forma de sapatos —  
— aproxima-se um homem es-  
farrapado e pálido. Nada pede,  
nada exige; murmura entre  
dentes: «tenho fome, muita  
fome!» Olho-o bem de frente:  
tem carne e ossos como eu;  
um estômago que exige alimento  
e um coração ansioso de  
carinho; é meu irmão, nosso  
irmão.

Dou-lhe esmola; ele agradece: «Deus queira que o senhor tenha sempre um bocado de pão para matar a fome». E val-se.

CONTINUA NA PÁGINA QUATRO

«DESENHO»

Américo Carvalho Silva  
AVEIRO

Se o homem não vive para Deus,  
porque só em Deus descansa?  
Se o homem é feito para Deus,  
porque a Deus é tão contrário?

P A S C A L

## notícias tortas

notas de m. rocha

### trades ladrões

1) Com fotografia e ludo, quantas vezes não vi eu o caso na primeira página de jornais e até em colunas de revistas!...

«Frades Ladrões», eis um título tão ao gosto dum James Bennet que, melhor que ninguém, desde 1836, pôs o sensacionalismo jornalístico acima das mais objectivas realidades e dos mais invioláveis direitos.

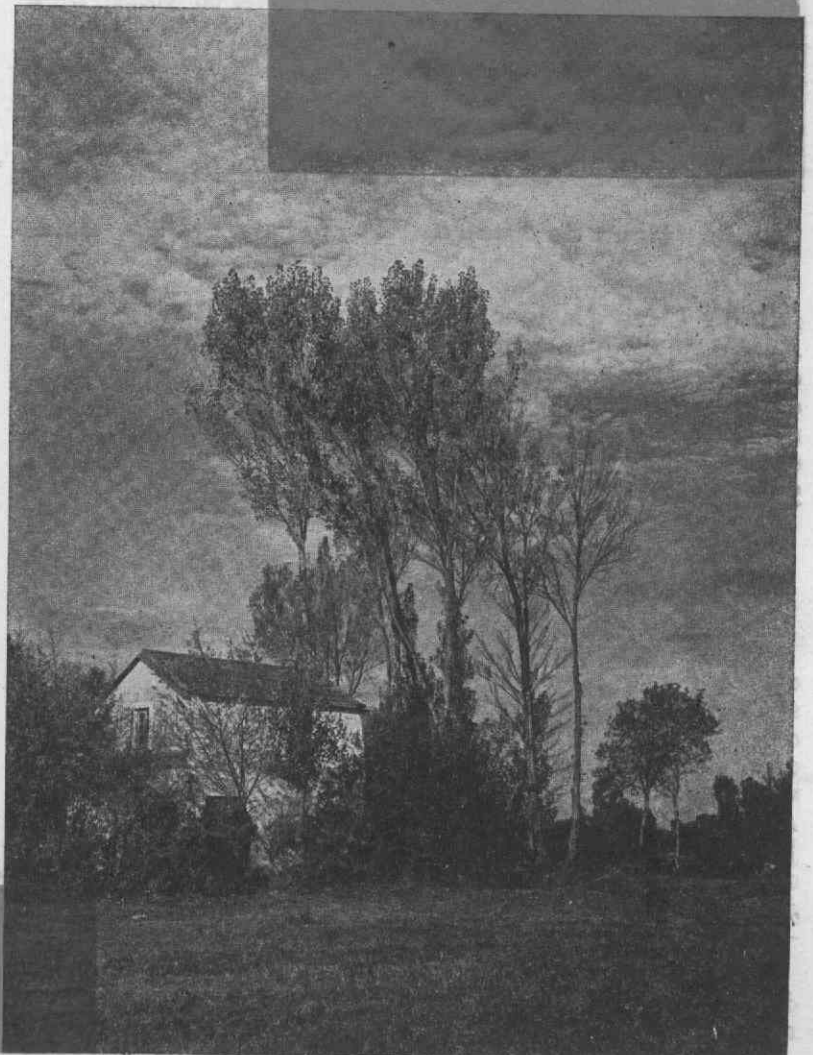
Acusados de cúmplices nas rouba-  
lheiras da Mafia, uma espécie de  
«Companhia de Zé do Telhado», em  
Itália, os capuchinhos de Sicília só  
agora, ao fim de três anos de traba-  
lhosas investigações judiciais, foram  
dados, oficialmente, ilibados das cul-  
pas que sofreram. Mas a sentença já  
não veio em parangonas de primeira  
página: sumiu-se num recanto dos jor-  
nais em tipo de corpo oito!...

Quem reparou o escândalo da no-  
tícia e a injúria feita aos inocentes?  
Onde a justiça?...

### sábio condenado

2) Não pretendemos, agora, resu-  
mir sequer as suas ideias. Basta-nos

CONTINUA NA PÁGINA CINCO



CARTA DE LISBOA  
do DR. FILIPE ROCHA

CONTINUA NA PÁGINA CINCO





Por absoluta falta de espaço, agravada, à última da hora, pela recepção de numerosos e impreteríveis anúncios, vimo-nos constringidos a não poder publicar vários originais particularmente o noticiário de Aveiro e de «Terras da Nossa Terra», que já havíamos redigido.

Do facto, pedimos desculpa aos nossos leitores.

## 2 magalas num café

Continuação da página oito

terra. Ia comer. Estava decente, embora não fosse um «galã», mas trajava conforme a posição que conseguiu na vida, ou conforme o nível que lhe deram e que, se não é mais elevado, dele apenas viria, como veio, a ser uma vítima.

Chegou o criado. O recruta pediu «um fino», ou uma cerveja em garrafa. Sei que pediu cerveja, sei que não pediu vinho tinto ou branco (pessoas de mais nível o bebem nos cafés, em chávenas, para se não ver, chamando-lhes café ou chá frio), embora a cerveja, mais «fina», venha a ter os mesmos efeitos, se tomada em demasia; — mas... «esta» é mais selecta! No entanto, aqui não era o caso. Ele pediu cerveja para ajudar a «empurrar» a sua bucha.

O criado do café, todo metido no seu casaco branco, de «papillon» e calça preta, como aliás manda a regra, intimou o cliente a sair e disse que não servia cerveja. Observou ainda que aquilo não eram maneiras decentes de entrar e estar num café onde entram outras pessoas.

Que «outras» pessoas seriam essas? — «Carne limpa sem osso», se calhar, pensei eu!...

Aquilo não era um «tascó». Mas o recruta fora correcto dentro da sua simplicidade, dentro da sua falta de mais elevado nível, do qual é vítima e não culpado. No entanto é um homem. É um homem que será amanhã um defensor heróico da pátria, um defensor, quem sabe, duma das pessoas mais elevadas que frequentam os cafés. Ele foi correcto; ele, o recruta, obedeceu à ordem rispida do «criado de café», e saiu como um cordeiro acossado por lobo voraz.

Autoritária, rispida, seca a ordem veio: — «O senhor não pode estar aqui e tem de sair. Já lhe disse: — saia antes que venha o patrão. Não lhe sirvo nenhuma cerveja; vamos, vamos: ponha-se lá fora». E eu fiquei com pena de não poder ver o patrão. Poderia ser uma «fera» de rara espécie.

J. Gomes de Andrade

— ADVOGADO —

RUA DIREITA, 91

Telefone- 23491

AVEIRO

tar com aqueles que são seus semelhantes. Apenas faltava, e com o desenrolar da cena eu pensei que o criado de café o fizesse, dizer que chamaria o polícia, para finalizar «melhor» cena de tão triste «peça».

O «criado» procedeu mal, o «criado» não foi humano.

Melhor procederia, a meu ver, se discretamente fizesse sentir ao «recruta» a sua posição e lhe pedisse ou o ensinasse a tomar outras maneiras. Assim estava certo; daquela maneira foi um fracasso.

Ensinar, ensinar os que não sabem, é o dever que no momento é mais necessário, junto dos que ainda, não por sua própria culpa, andam «atrasados».

De resto, para quê tanta flor e tanto «papel», tanta gratidão, se no fim de tudo isto, aqueles que são mais rudes, mas que estão a ser a nossa salvação, assim são tratados?

No final, porém, duas lições consegui tirar; 1) humildade e educação do homem rude; 2) falta de correcção, de hombridade e de estímulo correcional e educativo dum indivíduo que, pelo lugar que desempenha, habituado a lidar com pessoas de nível, (e o soldado foi considerado desnivelado), devia proceder de maneira mais humana, mais elegante, mais capaz de tra-

## FILÓSOFO que abraçou o libertino

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

Mas este iria ultrapassar aquele. Ambos filósofos, hoje, o primeiro estuda-se; o segundo pensa-se, ausculta-se, vive-se!

O que **actualiza** Pascal é, sobretudo, o carácter **concreto** do seu pensamento, enquanto Descartes encerra a vida humana na cela fria das abstrações.

O racionalismo cartesiano, com uma concepção equívoca da evidência (ideias claras e distintas) matematizando o pensamento por lhe dar como princípio uma certeza falsa por saltar do lógico para o ontológico (penso; logo existo) caiu na verdade subjectiva, criou uma chusma de cépticos, espíritos de «livre-pensamento», homens arejados e de vida sem peias... São os famosos «libertinos», com quem Pascal tanto conviveu em casa do Duque de Roannez, por exemplo.

Só na cidade Paris, avalia Mersenne, o seu número em 50.000, alto número para a época. Certo ou não, o facto é que só no reinado de Luís XIII (1610-1643) se publicaram em França 27 livros contra os ateus e 35 contra os deístas.

### O Primeiro Existencialista

O homem de quem Pascal fala e a quem ele se dirige não é o «une chose qui pense» de Descartes; não é o «animal rationalis» de Aristóteles.

Tudo isso são abstrações. O homem de quem Pascal fala é a quem ele se dirige é o «roseau pensante». O homem-indivíduo «carne e osso».

Reivindicando o carácter concreto da vida contra a suficiência do racionalismo cartesiano, Pascal descobre no homem uma nova faculdade de conhecimento: o coração!

A **razão** é a faculdade da análise, da abstracção, da generalização, da dedução.

O **coração** é a faculdade da intuição, da síntese. Por

ele, todo o nosso espírito a vibrar, a alma sente o seu próprio bem na verdade intuitiva.

A estas duas faculdades correspondem duas atitudes: «l'esprit de finesse» que presente a descobre e l'esprit de géométrie» que deduz e analisa.

Nesta perspectiva não é de admirar que o Homem seja, para Pascal, de todos os problemas que ele tratou, o primeiro na ordem lógica e um dos maiores na hierarquia dos valores.

«O homem é para si o mais prodigioso objecto de conhecimento», escreveu ele. Todos os outros problemas só interessam enquanto são problemas **no** homem! No que diz respeito à própria religião, o ponto de partida não é o transcendente, que nada interessa ao libertino, mas o homem no condicionalismo em que ele se debate.

Que extraordinária antecipação aos métodos, de filosofia em Blondel, ou de pedagogia em Claparède!...

Por isso, Mauriac, ao prefaciar «Pascal — Páginas Escolhidas», pôde escrever com verdade: — «Um pecador, um convertido nunca está solitário; o grande Pascal é irmão de todos os convertidos, de todos os feridos cuja chaga pode abrir-se a cada instante...»

Mas, após estes sumários apontamentos introdutórios, vale a pena continuarmos para vermos quem é para Pascal este homem concreto, indivíduo carne e osso, de hoje!

# NOVIDADES de FRANÇA

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

temporal universal do mundo, duplicando de qualquer modo a sua unificação espiritual. Foi para uma realização desta espécie que a cristandade medieval não deixou jamais de tender, e a crise do mundo moderno é, em boa parte, a consequência da desagregação desta cristandade, cujo processo histórico termina no tempo próprio em que o desenvolvimento da civilização exige cada vez mais, não só como ideal de perfeição, mas como urgente necessidade vital, a organização unificada de toda a Terra.

E' certo, por outro lado, que o patriotismo tradicional das gerações anteriores tinha essencialmente carácter guerreiro, para não dizer belicista. O exército tendia a ser considerado por eles como a expressão por excelência da pátria, o serviço militar como a realização privilegiada do dever patriótico, e a guerra como acto pelo qual a pátria, manifestando-se na sua mais pura essência, encontrava o grande meio e o mais nobre de alcançar os seus designios e de corresponder à sua vocação. A «gesta de Deus pelos Franceses», era antes de tudo gesta de soldado. Dai a pensar-se que a guerra tem um valor em si, e que é sempre boa desde que requerida pelos interesses da pátria, vai apenas um passo.

Sobre este ponto também se impunha uma crítica.

Foi preciso mostrar a que aberração podia conduzir uma tal mística patriótica das armas deixadas só ao seu dinamismo, e que as virtudes guerreiras mais heróicas se tornam falsas e diabólicas desde que se não exercem em serviço duma justiça cujas normas ultrapassam as do interesse duma pátria.

Urgia mostrar que a guerra devia ser antes de mais considerada como um dos grandes males da Humanidade, que nunca se deveria recorrer a ela senão como último recurso e uma vez esgotados todos os outros meios de satisfazer à justiça; que o mais justo motivo de guerra não legítima o emprego de todos os meios de vencer e que, mais ainda que ao serviço da justiça, a guerra deve estar ao serviço da paz, isto é, do amor.

Era necessário mostrar, enfim, que a ligação entre

a pátria e a paz é mais profunda e mais essencial ainda que a existência entre pátria e guerra; que se pode e deve servir a pátria tanto e mais na e pela paz que na guerra; que pode ser-se um excelente guerreiro, mas um mau cidadão e, por isso, um mau patriota, e que as virtudes patrióticas da paz são tanto e mais valiosas que as de guerra. Sem contar que a guerra impele mais para os abismos da abjecção do que para os cumes do heroísmo, e que ocasiona mais vezes a infâmia das pátrias do que a sua honra. Tudo isto é ainda mais verdadeiro da guerra total moderna, que é uma das piores aberrações que jamais conheceu a Humanidade.

## FALECIMENTO

Cón. Manuel Nédio Sousa

Basilente adoentado desde 1957, morreu no passado dia 11 do corrente, o Rev. Cónego Manuel Nédio de Sousa, Reitor do Seminário Diocesano de Gaia.

O ilustre membro do Cabido da Sé Portucelense, era natural da nossa Diocese, da freguesia de Bunheiro, onde nasceu em 19 de Julho de 1890, filho de Ana Tavares Cirne e Domingos Afonso Cirne.

Terminou o seu curso em 1910, e nesse ano o Sr. D. António Barroso nomeou-o professor do Internato dos Carvalhos e em 1915 chamou-o para leccionar no Seminário do Porto.

Em 1930, o Sr. D. António de Castro Meireles convidou-o para fundar um novo Seminário em Gaia. O edifício em 1933 passou a Colégio Externo, do qual ficou Director. Em 1938, ficaram sob a sua direcção as duas instituições diocesanas — Colégio e Seminário no edifício moderno ali construído. A elas consagrou todo o cuidado e conselhos, servindo-as até ao fim.

Era também Reitor da Igreja de Santa Clara onde manteve um florescente centro de caridade durante 42 anos.

Em 1950 foi escolhido pelo Sr. D. Agostinho de Jesus e Sousa para Cónego da Sé do Porto.

O funeral do saudoso extinto realizou-se na segunda-feira, com Ofícios e Missa de corpo presente na capela do Seminário de Gaia, com a assistência de elevado número de sacerdotes e muitas pessoas de destaque, médicos, engenheiros, advogados e outros que tinham sido seus alunos.

Assistiu o Senhor D. Florentino de Andrade e Silva ladeado pelos cónegos Mons. Dr. Pereira Lopes e Mons. Dr. João Francisco dos Santos. A Missa foi celebrada por Mons. Manuel José de Sousa. O Sr. D. Florentino deu a absolvição.

À tarde, depois da feita e encomendação por Mons. Dr. Pereira Lopes, os restos mortais do saudoso Cónego Nédio seguiram para o Bunheiro, sua terra natal, acompanhados por elevado número de pessoas.

Ao rev. P.º António Tavares Afonso e Cunha, pároco da freguesia de Rocas do Vouga e sobrinho do ilustre falecido, apresenta particularmente o Correio do Vouga sentidas condolências.

# TOTOCOLA



a bebida  
da alegria  
da força  
e da fortuna

um produto de Supersumos S.A.

# MURO DO CAIS

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA OITO

em festas e reuniões mundanas. E o mais cómico é que os bicharocos andavam de casaca e camisa de goma, por entre os restantes convidados, com inteiro agrado destes.

Das duas, uma: ou os convidados já não estavam em condições de se distinguir de tão insólitos visitantes, ou então a sua mentalidade pouco mais além vai de dos pingins...

Estes americanos!...

## O Senhor K na Roménia

No Mundo da política há dois K. Um deles, o russo, oficialmente — e particularmente — não gosta de nós. O outro, o K americano, oficialmente é nosso amigo...

Vamos falar do primeiro. Há dias foi à Roménia. Uma visita de rotina, como aqueles ricaços que, de quando em vez, vão até às suas propriedades ver como estão as culturas...

Da passeata fazia parte uma visita à cidade de Onesti, onde o senhor K devia discursar num comício ao ar livre. Aconteceu porém que os técnicos meteorológicos se enganaram nas previsões, e, à hora em que o *Czar Vermelho* devia fazer o seu anunciado discurso, veio uma carga de água do tamanho de um prédio... E a notícia do jornal de onde extraímos matéria para este comentário diz assim, *ipsis verbis*:

«Quando as fúscas começaram a cair e um enorme aguaceiro inundou instantaneamente a praça, os operários, que estavam postados nos locais de onde deviam escutar e aplaudir o Chefe do Governo Russo, correram céleres para dentro da fábrica próxima».

Reparem no sublinhado — que é nosso: *deviam aplaudir*... Quer dizer: ainda não sabiam o que ele ia dizer,

mas já sabiam que o haviam de aplaudir!

Vá lá... Já que não previram o tempo, previram, previram pelo menos, os aplausos...

## Na Europa é assim...

Em Messina, cidade siciliana dois amorosos, ardendo no fogo de uma paixão contrariada pelas respectivas famílias, viram-se obrigados, se quiseram unir-se pelos sagrados laços do matrimónio, a fugir, para assim concretizarem os seus intentos.

Até aqui tudo muito bem. Acontece porém que a idade dos noivos é que já não era a mais propícia a peripécias deste género: ele, Giacomo, tem... 78 anos, e ela, Concetta, 73 anos... Não teriam, talvez, fugido para muito lon-

ge, porque, nem o fôlego dos apaixonados daria já para longas correrias, nem, por outro lado, a idade dos pais da noiva lhes havia de permitir uma perseguição movimentada...

## ...mas na América é assim...

Na América a coisa é um *bocadinho* diferente. Em Port Washington, os convidados que assistiam ao casamento de David Cooper com Marilyn Ratatori, verificaram espantados que o noivo, ao ajoelhar-se, trazia pintada nas solas dos sapatos esta palavra: **SOCORRO!**

Para nós, habitantes do Velho Mundo, há dois actos religiosos — o Casamento e a Comunhão — que constituem marcos imperecíveis na vida de uma pessoa. Na América, pelos vistos, a coisa não se processa da mesma maneira.

Talvez isso explique muita coisa...

**Zé do Muro**

# EU: e os outros

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

Ponho-me a cismar! E vêm-me à lembrança os pobres que visitei em Alfama, os entocados dos becos de Alcântara, os encurralados da Avenida de Ceuta...

Pela minha mente perpassa também um facto que, há dias, me contaram:

Conhecida empresa bancária, com sede nesta capital, apresentou o seu relatório de contas com um saldo positivo líquido superior a cinquenta milhões de escudos. O governo da nação, solícito na tutela do bem-comum, apressa-se a lembrar à Ex.ma Gerência as disposições fiscais previstas para lucros deste vulto. Dinamite em braseiro! Em sessão plenária, a gerência resolve enviar ao Executivo um ofício, protestando enérgicamente contra esta violação do direito de propriedade: «o dinheiro é nosso, fomos nós que o

ganhámos!» Por portas travesas, soube-se, mais tarde, que o saldo real ultrapassava os cem mil contos!...

As minhas ideias prosseguem impetuosas:

Andam os Papas a apregoar aos quatro ventos, que a propriedade particular também tem uma função social, que os bens materiais foram, por Deus, confiados aos homens para serem equitativamente distribuídos por todos, que o rico é irmão do pobre, que é injusto o sistema económico em que a miséria é frequente... e topamos com abencerragens que não têm medo de estoirar de fartos enquanto o irmão aperta o cinto para evitar ofensas à moralidade pública, que pedem às autoridades ponham os comunistas à sombra em casinhas de cimento armado e levam, com suas injustiças, ao desespero e à revolta.

O direito de propriedade é, sem dúvida, de ordem natural; porém, à força de vincarmos este seu carácter, transformamo-lo em tampão de injustiças e carapaça de egoismos desenfreados!

As minhas coisas são minhas para melhor poderem servir a mim e... aos outros!

**FILIPE ROCHA**

## Exame de admissão ao Seminário

**Avisam-se todos os candidatos ao exame de admissão, cujos processos foram remetidos ao seu devido destino, de que, sem necessidade de outra ordem, devem comparecer no Seminário de Santa Joana, em Aveiro, até às 10 horas do próximo dia 27.**

## Atenção

O sorteio a realizar no dia 31-8-62 do Senhor Agostinho de Almeida fica adiado para data a determinar.

# Casamentos em Fátima

A propósito do número elevado de casamentos marcados para o mesmo dia e ainda porque muitos noivos se apresentam para efectuar o seu casamento sem terem marcado a data com a precisa antecedência, a Reitoria do Santuário enviou a todas as Câmaras Eclesiásticas a seguinte comunicação:

*Atendendo a que é impossível haver aquela ordem e espírito religioso, que exige um Sacramento, quando da aglomeração de muitos casamentos no mesmo dia; e tendo em conta o descontentamento inevitável derivado da impossibilidade de atender a todos com a atenção e pontualidade que era para desejar, a Reitoria do Santuário vê-se forçada a determinar quanto segue:*

1) Limitar o número de casamentos para cada dia, tornando-se, por isso, necessário que os interessados consultem sempre este Santuário antes da marcação definitiva de qualquer data do matrimónio;

2) Não aceitar qualquer data fixada sem prévia comunicação, sempre que ultrapasse o número estabelecido;

3) E tendo em vista que qualquer pompa externa não está de acordo com o espírito de piedade e oração com que se deve vir a este Santuário, não é permitido o uso de passadeltras especiais, nem o toque do órgão;

4) Aproveita-se esta oportunidade para recordar:

a) que continua em vigor a proibição de casamentos aos domingos, dias de preceito, dias 12, de Maio a Outubro, e 13 de todos os meses do ano.

b) que tanto a noiva como todas as senhoras da comitiva devem apresentar-se modestamente vestidas, não sendo admitidas no Santuário com vestidos transparentes, mangas curtas ou decotes exagerados.

# NOTÍCIAS TORTAS

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA OITO

repetir, com a autoridade de tantos, que Theilhard de Chardin era um sábio geólogo de primeiro vulto. E tanto o era que logo se quis ver (assim a grande Imprensa deu a notícia na 1.ª página) que a Igreja condenava a Ciência, o Progresso, condenando a obra do padre que era sábio.

Ora a competente Congregação Romana apenas se considerou obrigada a clarear o assunto por uma advertência, principalmente destinada a reprimir entusiasmos e ilusões perigosas de jovens espíritos.

Que diria o autor de «Phénomène Humain», se fosse vivo, ao ver esta especulação sensacionalista, ele que nunca se considerou nem filósofo, nem teólogo, mas «um estudante do fenómeno, um físico no velho sentido grego; ele que antecipadamente submetia os seus ensaios e as suas hipóteses ao juízo da Igreja, cónscio de que podia haver erros, no arrojado, nas suas antecipações do futuro como nas suas reconstituições visionárias do passado.

Pela obra publicada postumamente à margem dos seus hábitos, extraída de manuscritos diversos, tanto pela data como pelo destino e condições de redacção, quis-se enxovalhar uma instituição e não se soube respeitar a vontade dum sábio!

## Matar mas não por amor!

3) Na América como na Europa, revistas e jornais encheram colunas fazendo notícia do caso. E deram-se mesmo ao luxo de calcular quantas crianças iriam, até ao fim do ano, nascer disformes, mercê da «tranquilizante» «tolidomida».

A obsessão do «coquetis-

mo» gerou o complexo da maternidade, que Fernanda de Castro tão bem exprimiu num poema.

Pois em todo um Mundo só um jornal foi capaz de erguer-se em defesa dum ser que também é criatura humana.

O que aconteceu em Estocolmo foi por sentimentos humanitários?

Mas só uma aberração pode sugerir que se mate por humanitarismo. O amor, não egotista, escolhe sempre a vida e nunca a morte.

Se se pode matar, e legalmente, um ser indefeso que a mãe, por livre acção sua condenou a ser um condenado; se se pode matar assim um filho no seio da mãe, quem está livre de ser morto?... legalmente!...

## Duas estrelas Dois destinos

4) Veio em todos os jornais: «homens e mulheres, — uma multidão de curiosos contra um punhado de amigos —, vestidos de cor e até em fato de banho, invadiram o cemitério, no momento do funeral, e desfizeram tudo, qual onda vandálica, para ficarem com uma «reliquia» da «Deusa» que nunca foi feliz.

E houve até cinéfilas que seguiram o triste exemplo dessa «estrela» de celulósido de primeira grandeza.

De tudo isto, todos os jornais falaram. Mas quem falou dum outra, irlandesa, também artista em Hollywood? Não seria tão mulher, mas não era menos artista.

Não precisou dum Miller para a alfabetizar, nem de um Lee Strasberg. Ela era intelectualmente formada. A exemplo dum Simone Weil,

CONTINUA NA PÁGINA 7

## palavra P. José R. Costa devida

Só uma pertinaz e insuperável enfermidade conseguiu pôr termo a uma carreira sacerdotal toda ela votada, desde o princípio ao fim, às lides apostólicas sempre com o maior zelo, dedicação, clarividência.

Nada menos de 34 anos da mais exemplar vida sacerdotal; nada menos de 25 anos de pároco na Bairrada, tais são dois dos maiores títulos de glória da exemplaríssima vida do rev. P.º José Ribeiro da Costa.

Um quarto de século consumiu ele, bandeirante do Evangelho, em terras da Bairrada. E os anos só confirmaram o que todo o povo bairradino sempre viu e apreciou: um sacerdote zeloso, dedicado, competente, todo votado, corpo e alma, à difícil missão a que se consagrou.

Nasceu o rev. P.º José Ribeiro da Costa em 29 de Outubro de 1928, no lugar a Lavandeira, freguesia de Soza. Ordenado em Coimbra, por D. Manuel Luís Coelho da Silva, logo em Julho desse ano foi paraoquiar para Campelo, do concelho de Figueiró dos Vinhos, tendo, passados três anos, sido transferido para Vila de Sacaia, do mesmo concelho. Em Junho de 1937, foi nomeado pároco de Ois do Bairro e de S. Lourenço, tendo, em Novembro desse ano, sido desligado de Ois e ficando com a freguesia de Ancas anexa a de S. Lourenço, aí se mantendo até que, nos primeiros meses do corrente ano, a doença o impossibilitou para o seu porfiado trabalho sacerdotal, pelo que teve de regressar a sua casa, na Lavandeira.

# ECOS da EUROPA

Continuação da oitava página

Quando se passa da Bélgica à Holanda, muda-se imediatamente de ambiente. Quase todas as casas têm o seu jardim. Mesmo os grandes edifícios dos bairros modernos de Utrecht e Roterdão, estão isolados uns dos outros e cercados de jardins. É certo que a Holanda é o país das tulipas, mas os jardins não têm unicamente tulipas; a grande maioria não tem mesmo tulipas. O holandês não muda de casa como o belga; ele ama o seu apartamento e não o troca sem razões graves. Vêem-se vasos de flores nas janelas e casas caiadas de branco.

Enquanto o belga adora mais o carro que qualquer outra coisa, o holandês é tão descuidado em relação ao seu, que em cada cidade há um serviço especial de auto-gruas para içar os carros cujos proprietários por descuido deixaram cair aos canais. O que é mais espantoso é que quem cai ao canal é quase sempre apenas o carro.

Para o francês o lar é qualquer coisa de sagrado, ele tira o chapéu sempre que entra em casa. É hospitaleiro (excepto nas regiões de grande turismo, onde a hospitalidade é proporcional ao movimento monetário do turista); um estrangeiro tem sempre à mesa um lugar de honra, saboreia infalivelmente uma maravilhosa cozinha francesa e um bom copo de «Anjou Rosé». A casa pode ser escura e feia, de pedra nua, no exterior, mas quando se passa o portão, entra-se num mundo novo, sente-se que o francês ama a casa que habita. A sua primeira aspiração é mesmo poder chamar sua a uma casa.

O alemão, igualmente, ama a sua casa, mas não é hospitaleiro como o francês. É mais individualista, mais se-

nhor de si; todos os outros são considerados inferiores. Ele há-de arranjar sempre uma razão para se convencer de que é superior. Mas se alguém tem antes qualquer contacto com o alemão e se tem a dialéctica para lhe dizer duas coisas de elogio, seja a respeito do que for, não tem quaisquer dificuldades de passar um tempo na Alemanha sem grandes preocupações monetárias.

Caracteres extremamente diferentes entre povos que se tocam em fronteiras, caracteres que os determinam como diferentes. Teremos nós, porém, o direito de os medir pela nossa craveira ou pelo nosso meiro por vezes tão dilatado?



Óculos em todos os géneros  
Lentes das melhores marcas  
Execução de receituário médico  
SE NECESSITAR, CONSULTE OS Nossos PREÇOS QUE SÃO MUITOS  
Rua de José Estêvão, 59 e Mendes Leite, 7 e 9 - Telef. 22619  
AVEIRO

## Pesca do bacalhau

Na safra deste ano, quase a acabar, é a seguinte a pesca à linha, em quintais, feita pelos lugares bacalhoeiros até ao dia 30 de Julho findo:

Adélia Maria 6.200, Alan Villers 13.000, António Coutinho 7.700, Argus 6.500, Avé Maria 8.900, Avis 6.600, Brites 5.100, Cap. Ferreira 7.500, Cap. João Vilarinho 12.400, Cap. José Vilarinho 9.400, Celeste Maria 7.300, Coimbra 5.300, Conceição Vilarinho 9.700, Creoula 6.500, D. Dinis 6.000, Elizabeth 7.700, Gazela 3.500, Hortense 3.600, Ihavense 7.700, Inácio Cunha 7.000, José Alberto 6.100, Luísa Ribau 7.400, Lutador 7.500, Neptuno 8.700, Novos Mares 8.500, Oliveirense 4.500, Rainha Santa 7.000, Rio Antuã 7.700, S. Gabriel 10.800, Santa Maria Madalena 7.200, S. Jacinto 8.400, São Jorge 7.300, São Rafael 12.300, São Ruy 8.500, Senhora da B. Viagem 12.000, Senhora da Vida 12.000, Cernache 8.400, Soto Maior 7.200, Vaz 8.000, Vila do Conde 6.100, Vimeiro 10.600, Viriato 8.800.

## Lições de Latim

Dá Professora Licenciada em Filologia Clássica.  
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 133-2.º - AVEIRO

## grandes saldos

DE

## FIM DE ESTAÇÃO

## Casa Campos

### viajante PRECISA-SE

Encartado para trabalhar na província, com vinhos e seus derivados.

Exigem-se referências e guarda-se sigilo estando empregado.

Dirigir a: João Gonçalves Magalhães - AVEIRO.



## PESCA

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA TRÊS

ceiro (R. Artístico), 635 pontos; 29.º José Batista Topete (R. Artístico), 542; 35.º - António Fernandes da Silva (Sporting de Aveiro), 360.

Clubes: 1.º - F. C. Porto, 8710 pontos; 2.º - Fluvial, 6.472; 3.º - Invicta, 5.621; 4.º - Caçadores do Porto, 5.196; 5.º Sporting Espinho, 4.067.

Equipas: 1.ª - Fluvial A; 2.ª - Invicta A; 3.ª - F. C. Porto A; 4.ª - F. C. Porto D; 5.ª - Boavista A.

À noite foram distribuídos os prémios na Piscina Atlântico, perante numeroso público tendo-se exibido antes o «Group e Folklorique des Polonais» em demonstração de danças regionais do seu País sendo-lhe atribuída no final calorosa ovação.

José de Matos

# KING

A MAIS MODERNA  
FÁBRICA ALEMÃ



Preços Fixos

110 lts	modelo de mesa	3.460\$
120 lts	modelo de mesa	3.690\$
155 lts	freezer 2/3	4.560\$
155 lts	freezer total	4.780\$
200 lts	freezer total	5.650\$
200 lts	congelador	6.070\$

REPRESENTANTE

E. T. ROBERTO CUDELL, L.DA

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

PROCURAM-SE AGENTES (PARA VÁRIAS ÁREAS DO PAÍS)

## Notícias Tortas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA CINCO

ou dum Michèle Aumont, ao atingir o cume da carreira, abandonou-a. A resolução, enigma para muitos, bem depressa ela a desfez. Dizia adeus ao teatro e ao cinema para dedicar a restante parte da sua vida, às missões da Consolata, no Kénia, como auxiliar. Está lá ainda e a quem lhe perguntou como se sentia, respondeu: «Sou felicíssima. Nunca julguei que servindo Cristo nos pobres, nos doentes e nas crianças, se pudesse experimentar tanta alegria».

A primeira começou por chamar-se Norma Baker. A última chama-se Nora O'Nahony. Conhecem-na?...

## Agradecimento

Aldina Mourão Gameles, na impossibilidade de, pessoalmente, agradecer a todos

quantos durante o seu internamento na Casa de Saúde da Vera Cruz, se interessaram pelo seu estado de saúde, vem por este meio, único ao seu alcance, patentear a todos o seu agradecimento e profunda gratidão, agradecimento este extensivo aos Excelentíssimos Médicos, Senhores Drs. Ponty Oliva, Manuel Soares e Cândido Quinhão, os quais foram incedíveis em dedicação, desvelo e carinho.

## Agradecimento

Isabel da Silva Conde Dias Pereira, sua filha e genro, na impossibilidade de terem agradecido a todas as pessoas que, por qualquer forma, os acompanharam no transe doloroso da morte de seu saudoso marido, pai e sogro, Armando Gouveia da Cunha, vêm por este meio tornar público o seu geral e sentido agradecimento.

## Militares em Moçambique

Pelo Comandante do Batalhão 160 de Vila Cabral foram louvadas as praças seguintes: 1.º Cabos António dos Santos Almeida, de Arouca; António Gonçalves Branco, de S. Bernardo (Aveiro); Mário Rodrigues Filipe, da Vera Cruz (Aveiro); Arsénio da Silva Duarte, de Oliveira do Bairro; e os soldados Albano de Castro Almeida, de Aguada de Cima; e Abílio Nunes dos Reis, de Ilhavo.

Felicitemos os louvados, bem como suas famílias.



ORGANIZAÇÃO AVEIRENSE DE REPRESENTAÇÕES

II - RUA GUSTAVO F. PINTO BASTO - 13 - AVEIRO



# ECOS

da

# EUROPA

CARTA DE FRANKFURT  
de A. DE ABREU FREIRE

UMA das coisas que caracterizam um povo é a concepção que ele tem do lar. É interessante, sobretudo, constatar que há uma enorme semelhança entre a maneira como cada povo concebe a pátria e o lar. São duas coisas, aliás, bastante unidas, mesmo talvez inseparáveis: a sociedade será o que forem as famílias.

O povo belga, assim como não tem uma noção de pátria, não tem uma noção do lar. Não dá qualquer sentido especial à casa onde habita. Na maior parte dos casos é um apartamento que se aluga ao ano ou ao mês, que muda de tempos a tempos (o belga gosta da variedade), em tijolo ou cimento por fora, forrado com papel por dentro, mais ou menos ao gosto da família. Mesmo aqueles que têm uma casa sua, pouco se interessam em torná-la bonita; tirando algumas regiões da Valónia, não se vêem jardins nem pinturas nas paredes exteriores; é tudo de um vermelho-escuro, a cor nua do tijolo. O belga é demasiado materialista. Basta-se com pouco: um bom aquecimento e um charuto. É capaz de sacrificar toda a família, de passar fome, de andar mal vestido, só para poder comprar um carro, seja ele em quarta ou quinta mão. É igualmente escusado falar-lhe ao sentimento: é coisa que nunca teve. Onde estão os líricos belgas? Raras e míseras excepções. Se lhe falam de lar, fazem um gesto de grandes intelectuais e comentam: «ce sont des choses du fado du Portugal».

CONTINUA NA PÁGINA SETE

## FRENTE ao NIASSA

crónica de A. RUELA CIRNE

A extinta Companhia do Niassa, constituída em 1893, iniciou a sua actividade, no quarto ano de fundação, e administrou, desde essa altura até 1929, os vastos territórios actualmente compreendidos pelos distritos de Cabo Delgado e do Niassa, em toda a dimensão do extremo norte de Moçambique.

A título de informação, lembramos que a essa Companhia se deve a criação e o primeiro desenvolvimento da cidade de Porto Amélia, no grandioso e deslumbrante cenário da baía de Pemba, no Índico, e a ocupação estratégica de vários pontos importantes da fronteira ocidental, que se estende até às poéticas margens do Lago Niassa e a uma pequena parte das terras federativas da Niassalândia; assim como, por curiosidade filatélica, recordamos que a mesma Companhia procedeu à emissão especial de selos próprios com a efígie do Rei D. Carlos e mais tarde com a de D. Manuel II, mas este, por ser em 1911, já com a sobrecarga «República».

Estava isto e algo mais no âmbito das atribuições da referida Companhia do Niassa, que era «Majestática» e teve efémera existência. Três anos após a Revolução Nacional, aos 14 dias do mês de Setembro, sob o lume do Diploma Legislativo N.º 182, que ordenava se reintegrassem — a partir de 28 de Outubro desse ano de 1929 — na administração directa do Estado, os ditos terrenos que eram conhecidos pela designação comum de «Territórios do Niassa». Por imperativos de conveniência, foram, então, os mesmos divididos nos dois referidos distritos: o de Cabo Delgado a leste e o do Niassa a oeste.

Ocupando uma área de 12.000 quilómetros quadrados, confina pelo poente com o famoso Lago Niassa, de grande profundidade e uma superfície de cerca de 30.000 quilómetros quadrados, onde é possível uma navegação fácil e onde o turismo muito tem a fazer, tomando por base as magníficas belezas naturais. A sua população orça por 300.000 habi-

tantes, sendo destes, europeus somente uns 1.000, que são, na sua maioria, funcionários públicos.

Com a instalação da capital do distrito em Vila Cabral, começou o Niassa a ser alvo de um natural impulso que ultimamente se tem acentuado, graças à acção e notável dinamismo das autoridades governamentais.

Foi estabelecida a ligação aérea semanal com a Beira, Lourenço Mer-

ques e Nampula, em esplêndidos aparelhos da DETA e está em construção o prolongamento da via férrea, que parte de Nacala e já chega ao Catur, no Niassa, mas há-de ler o seu termo numa das magníficas praias de sonho do majestoso Lago, servindo Vila Cabral. A sua rede de estradas que ocupa apenas uns 2.000 quilómetros, sendo mais de 1.000 de estradas classificadas, vem merecendo particular atenção das entidades governativas, que estão a envidar todos os esforços no sentido de possibilitarem e facilitarem o progresso destas terras.

## magalas num CAFÉ

CRÓNICA  
DE  
Raul  
Teixeira

FOI num destes dias, quando, como habitualmente, me dirigi a um dos cafés da cidade, após o almoço. Entrei, sentei-me e reparei que, na mesa ao lado, estava um rapaz que bebia cerveja. Pelo seu porte, pela sua maneira, não tive dificuldade alguma em verificar que se tratava de um jovem recruta. Ainda comia, não sei o quê, mas sei que comia... e na sua frente tinha cerveja. Ainda estava, no momento da minha entrada, absolutamente só, pensativo, talvez a viver os primeiros sintomas da nostalgia.

Passados alguns momentos, entrou outro «moço», que à mesa dele se sentou. Era, sem sombra de dúvida, outro recruta que se apresentava, ou se ia apresentar, ao serviço da Pátria, ao serviço do povo português — ao nosso serviço! E ele era do povo, (embora eu só conheça uma classe), embora do povo seja toda a gente, porque todos somos povo, todos somos gente.

Sentou-se. Tinha numa das mãos um naco de pão e um canivete e, com este, iria cortar uma rodela de chouriço, possivelmente caseiro, que trouxe da sua

CONTINUA NA PÁGINA QUATRO

Ela e Ele — um caselinho alemão. Pela primeira vez vinham a Portugal gozar as belezas deste «jardim da Europa»... Mas a paisagem para eles não era tudo... Espíritos cultos, evoluídos, adultos, viam no turismo um meio de conhecimento, de intercâmbio, de convivência... Aqui muitas «coisas» viram eles, as quais os espantaram...

Mas adiante! Vamos ao caso de agora. Num hotel, numa praiazinha do Norte, sentaram-se para almoçar... Ao lado, uma veneranda família portuguesa: marido à testa da mesa, esposa ao lado, e mais para o fim, dois ou três filhos ao cuidado duma criada... com a mãe, ao lado, imperturbável, senhora, aristocrática...

A's tantas, a «senhora» alemã saiu... O marido não tardou a segui-la... Foi encontrá-la, na cama do quarto, prostrada, deprimida.

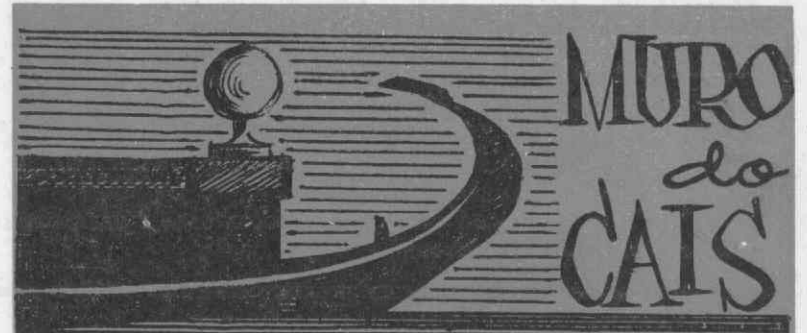
— Que é isso? Que tens?

— Que queres? Não podia mais com aquela cena medieval... A mãe, alheia aos filhos, fidalga no seu trono de princesa podre...

Que queres? Uma mãe assim, lembrou-me, eu sei lá, uma dessas chocadeiras eléctricas de pintalinhos desgarrados.. Uma chocadeira eléctrica — uma mãe!...

S.

postais  
em  
ZIG ZAG



VII — Este Nosso Mundo

### O Congresso dos Engraçados

CHEGA-NOS às mãos a notícia de um Congresso realizado em Roche-Carnillac (Corrèze), França. Tratava-se do Congresso dos Engraçados, aqueles indivíduos — ou indivíduos... — muito divertidos, que passam a vida a puxar uma cadeira onde uma pessoa se vai sentar, a colocar alfinetes em poltronas, a lançar garrafinhas de mau-cheiro ou pós de espirrar, e a pregar partidinhas, em princípio inocentes, mas que, muitas vezes, brigam com a sensibilidade, a dignidade e o bem-estar das pessoas escolhidas como vítimas. Pois foram esses senhores que decidiram reunir-se em Congresso, sem prévio escrutínio a nomear os Congressistas-Delegados, obedecendo a escolha à convicção de cada um se sentir em condições de comparecer.

Os habitantes de Roche-Carnillac, porém, muito satisfeitos com a honra que os Engraçados conferiam à sua pequena cidade, decidiram corresponder ao temperamento de tão originais hóspedes e, vai daí, receberam-nos *comme il faut*...

E assim, enquanto o Presidente da Câmara — o autêntico — aguardava na *Mairie* a chegada dos Congressistas, estes eram recebidos por um falso Presidente que os saudou efusivamente, sem que qualquer dos visitantes se apercebesse do engano. Nem sequer faltaram polícias a manter a ordem e a orientar os Engraçadinhos, e tão bem desempenharam o seu papel, que os autênticos *gendarmes*, a certa altura, já não sabiam distinguir os falsos dos verdadeiros.

Se algum dos Congressistas desejava comprar tabaco, o que lhe acontecia era receber um maço que, ao ser aberto, explodia fragorosamente, espalhando os cigarros a quatro metros de distância.

E os Engraçadinhos tiveram mesmo que desistir do seu Congresso, pois encontraram em Roche-Carnillac, quem soubesse mais do que eles...

### Rapto no Zoo...

Se a notícia anterior tinha graça, esta que a seguir comentamos, não tem menos. Foi o caso que, do Jardim Zoológico de Bronx, em Nova Iorque, foram roubados quatro pinguins que, mais tarde, viriam a ser encontrados

CONTINUA NA PÁGINA CINCO



ANO XXXII — N.º 1612

Aveiro, 25-8-1962

AVENÇA

Biblioteca municipal  
AVEIRO